

Política

CRISE

Apesar da preferência mostrada pelos parlamentares na Constituinte, as pesquisas de opinião são claras: a grande maioria do povo brasileiro quer que Sarney deixe o Palácio do Planalto já.

Quatro anos: preferência nacional.

A vitória do presidencialismo e dos cinco anos de mandato para os sucessores de Sarney, decidida pela Constituinte, não tirou a esperança nem conseguiu abalar a convicção da opinião pública. A maioria da população ainda deseja votar para presidente em 1988: assim responderam 64% dos entrevistados pelo *Jornal da Tarde* em um grupo de 400 pessoas. Nessa pesquisa, feita na semana passada, pelo telefone, houve até quem dissesse que Sarney já deveria ter deixado o Palácio do Planalto: 7% (de 18 a 29 anos), 2% (de 30 a 39 anos) e 10% (de 40 a 65 anos).

O clima na Constituinte pode não estar favorável à redução do mandato presidencial, mas a rejeição popular a Sarney é maior, conforme mostram outras pesquisas. "O País parece um navio sem capitão, perdido na tempestade", afirmaram 71% dos entrevistados pelo Ibope no dia 17 de março. A consulta foi feita entre cinco mil pessoas do campo e da cidade em todo o País.

Entre os entrevistados, Orjan Olsen, coordenador da pesquisa, descobriu que a maioria, 62%, defende eleições já e gerais,

além de sentir a instabilidade do País. "O povo tem a percepção de que a democracia desse jeito não vai longe", constatou Olsen, que é PhD em Comunicação e Política na Syracuse University de Nova York.

Os números dos que querem quatro anos para Sarney baixaram um pouco depois que foram aprovados o presidencialismo e os cinco anos para os próximos presidentes. Mas a grande maioria, apesar do otimismo de Sarney com sua vitória na Constituinte, quer que ele deixe o governo logo: 69% segundo uma consulta da Data-Folha junto a 4.843 pessoas. Em janeiro a taxa favorável aos quatro anos era de 75%.

Entre a população entrevistada, de várias capitais, a de Porto Alegre ficou com o maior índice de apoio aos quatro anos, 83%. Em seguida vieram os baianos com 76%. Em São Paulo, 71% querem eleições já, contra 22%, de acordo com a pesquisa. Os menores índices favoráveis aos quatro anos ficaram com Belo Horizonte e Curitiba: nada menos do que 69%. Todos os entrevistados sabiam que já havia sido aprovado o mandato de cinco anos para os futuros presidentes e deveriam dizer se o mandato de Sarney

deveria ser de cinco ou de quatro anos com eleições em novembro deste ano.

Em janeiro, o Departamento de Pesquisa de O Estado de S. Paulo ouviu 400 pessoas por telefone, dois dias depois de Sarney ter afirmado que o seu governo é o melhor da década "em termos de crescimento". O resultado: 80% dos entrevistados discordaram e 69% se mostraram favoráveis à redução do seu mandato para quatro anos. Apenas 22% defenderam sua permanência no poder até março de 1990. Foram ouvidos 200 homens e 200 mulheres e os dois índices quase se igualaram em termos de descontentamento diante da possibilidade de Sarney ficar cinco anos no governo.

Das diversas pesquisas realizadas, apenas uma, feita entre os constituintes, em dezembro, mostrava uma pequena diferença a favor dos cinco anos de mandato: 48% contra 44% que queriam quatro anos. De dez pesquisas, de dezembro até o mês passado, feitas por vários jornais, nove apontavam a realização de eleições presidenciais este ano como a melhor solução para o País.



Sarney cai fora: é 1º de abril.

O *Jornal da Tarde* fez uma brincadeira para checar as reações das pessoas: a repórter Rosa Bastos percorreu as ruas da cidade dizendo que o presidente Sarney aceitara o mandato de quatro anos e convocara eleições para novembro. Alegria, foi a manifestação principal. E frustração, ao saber que tudo não passava de um 1º de abril. Acompanhe aqui.

Por mim ele já devia ter saído



José Augusto Santos, auxiliar de enfermagem: "Por mim ele já devia ter saído. Eu acho que ele não está agindo da forma que nós merecemos. Nós esperamos tantas melhorias de cada governo e nada. Sofremos muito: aumenta tudo, menos o salário. Como pode uma pessoa que ganha Cz\$ 23 mil pagar Cz\$ 14 mil de aluguel? Se isso não fosse brincadeira seria ótimo".

Ele não mandava e não tinha opinião própria



"Vai sair? Certo. O que eles fizerem, desde que seja para melhorar a situação do povo, está bom", disse uma senhora que não quis identificar. Ela ficou brava e até bateu com o cabo do guarda-chuva na cabeça da repórter quando soube que tudo não passava de brincadeira. Mas sua amiga, Argena de Lucia, de 73 anos, comentou como se a notícia fosse verdadeira: "Eu gostava do Sarney, cotado. Ele era um homem bom e simpático. Até que no começo estava indo bem, mas do jeito que ficou tinha de sair mandava nada, não tinha opinião própria, tinha sempre que depender dos outros!" A velhinha do guarda-chuva concordou.

Saindo ou não, é a mesma droga.



Alex Tader, 17 anos, a caminho do estádio do Pacaembu para participar do "Desafio dos Deuses", festa promovida ontem pela Igreja Universal do Reino de Deus: "Já deveria ter saído fora há muito tempo. Se bem que, ele saindo ou não, é a mesma droga. Eles são todos iguais... Eu só acredito em Jesus Cristo. Logo vi que era 1º de abril. Lógico que ele não vai sair, meu. E também, se sair, não vai melhorar. Isso não melhora nem a pau. É a maior bagunça".

É demais. Esse povo não vai agüentar!



Ana Paula Caetano Portugal, 18 anos, estudante de Comunicação Social: "Graças a Deus, porque esse cara não tá com nada. Brincadeira? Pode ficar até seis anos? Isso é demais: esse povo não vai agüentar!".

Quer dizer que não vai mudar nada? É isso?



Adalberto Cândido, 35 anos, vendedor ambulante e guardador de carros: "Agora o Brasil vai poder tomar o rumo certo, um rumo novo. É um desafio — pode dar certo, pode dar errado. Ninguém pode prever o que vai acontecer. A nossa política é complicada mesmo, cheia de enrolação, e depois cada jornalista faz uma redação diferente e no fim o povo não compreende nada. Primeiro de abril, não é? Está certo. Quer dizer que não vai mudar nada, o homem continua aí, é isso? Veja lá o que você vai escrever".

É bom demais para ser verdade



Salette Chacon, 37 anos, professora: "Acho maravilhoso, é bom demais para ser verdade. Todo mundo quer isso. Meus alunos (do Colégio Alcides da Costa Vidigal, no Butantã) só falam nisso. Estou encantada com a notícia. Quería que ele já tivesse ido embora faz tempo. Essa transição está longa demais. 1º de abril? Não! Eu sabia. Ah, que pena!".

Isso é bom demais pra ser verdade



Vera Calich, 40 anos, professora de Imunologia: "Isso é bom demais para ser verdade. Era a única coisa que lhe restava fazer, mas ele não vai largar tão depressa. Quanto aos seis anos, é uma loucura tão grande quanto querer rever toda a Constituição, como está propondo o Toninho Malvadeza".

Quatro horas já seriam muito tempo



Abimaran Alves da Silva, 37 anos, marabista de um estacionamento, paraibano de Campina Grande: "Quatro anos? Vai ficar isso tudim? Nossa Senhora, como vai demorar! Se ficar mais quatro horas já é abril? Oh, moça, e como é que a gente fica? Se não está tendo condições de vida, mal dá para manter a matéria de pé. Precisava mudar para ver se acontece alguma coisa de bom agora, tudo tem sido feito a favor de quem já tem dinheiro".

Excelente. Excelente! Se não ia ter uma revolução.



Sérgio Roberto Luppi, 41 anos, industrial: "Excelente, excelente porque, caso contrário, ia haver uma revolução social como acontece em todos os países que chegam a esse nível de desmando. O fato de Sarney não tomar decisões fortes na área econômica está provocando uma enorme perda do poder aquisitivo das pessoas. Olhe, em janeiro de 87 eu produzia cem mil camisetas, tinha 300 empregados nas minhas duas fábricas, hoje tenho quatro — apenas vigias —, tive de fechar... Posso falar, eu quero falar. Nem me importo de perder o começo do filme... O que? Primeiro de abril? Mas que coisa, hein! Se continuar assim vai acabar tendo um levante popular!".

Se Sarney sai agora, sei que tem golpe.



"Acho ótimo, mas desconfio dessa informação. Pelo que sei, se Sarney sai agora, tem golpe, e aí não ia adiantar nada. O quanto antes mudar a estrutura política do País, o PMDB sair e se convocar eleições gerais, melhor para o Brasil e para nós. Os deputados também têm que ir. Eles foram eleitos para fazer a Constituição e, boa ou má, já a fizeram. Agora devem ir para casa para se começar tudo de novo. Bola no meio de campo!" — opinou Sérgio Krakauer, 29 anos, engenheiro civil. Ele ficou aliviado ao saber da brincadeira: "Puxa, você me assustou. Por mim Sarney já tinha de ter ido ontem, mas se fosse verdade, haveria golpe".

MAS ELE AINDA TEM MAIS 10 MIL CARGOS E VERBAS.

O presidente José Sarney ainda tem um poderoso trunfo — o Inamps — para ajudá-lo a convencer constituintes a votar por sua manutenção no cargo por um período de cinco ou mesmo seis anos. O instituto dispõe de seis mil cargos de confiança, cujos ocupantes poderão ser substituídos a qualquer momento por conveniências meramente políticas, a exemplo da recente exoneração do presidente do órgão, Hélio Cordeiro, medida que parlamentares quatro-unistas consideraram decisória na vitória do presidencialismo com cinco anos de mandato para os futuros presidentes. Além disso, o Inamps contará esse ano com cerca de Cz\$ 700 bilhões — o equivalente a sete vezes o orçamento global do Ministério da Saúde.

Só no Ministério da Previdência Social o presidente Sarney pode contar ainda com cerca de quatro mil cargos de representantes rurais — o RPS —, cujo preenchimento sempre atendeu a conveniências políticas. Os RPS são disputadíssimos pelos políticos, dada a grande influência que seus ocupantes exercem em nível regional. Guardadas as devidas proporções, um RPS vale

tanto quanto um prefeito, poder que é repassado ao político que o indicou.

A presidência do Inamps continua ocupada interinamente pelo médico particular da família Sarney: José de Ribamar Pinto Serrão, que não criará nenhuma resistência em ceder o cargo para eventuais negociações entre o Palácio do Planalto e constituintes. Foi para isso mesmo que Sarney ainda não providenciou o preenchimento definitivo do cargo, muito cobçado pelo poder eleitoreiro, que possui tanto nos grandes centros como no interior do País.

Ao exonerar Hélio Cordeiro o presidente Sarney fez uma grande jogada política: atendeu a muitos apelos angariando simpatizantes à manutenção do presidencialismo e à sua permanência no governo, principalmente dos integrantes do Centrão e de muitos outros parlamentares inclinados inicialmente a votar pelos quatro anos com parlamentarismo. A saída de Hélio Cordeiro fortaleceu também os governadores presidencialistas, enfraquecendo os abertamente parlamentaristas, como Waldir Pires, da Bahia, que nomeou Hélio Cordeiro quando ocupou a pasta da Previdência Social.

Além disso, a queda de Hélio foi um forte golpe no atual ministro da Previdência, Renato Archer, que sem o Inamps nada mais tem a fazer no ministério. E atingiu diretamente o presidente da Constituinte e da Câmara, Ulysses Guimarães. Por outro lado, a atitude de Sarney fortaleceu a disposição do atual ministro da Saúde — o deputado Borges da Silveira (PMDB) — em trabalhar ainda com mais afinco junto à sua bancada no Paraná para garantir o presidencialismo com cinco anos. Agora, a passagem do Inamps para o Ministério da Saúde é uma questão apenas de decisão política a nível da Constituinte.

A demissão do presidente do Inamps vincula-se, ainda, segundo constituintes, às próximas eleições municipais. São verbas que podem ser transferidas diretamente para as prefeituras para a implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde-Suds. Para esse programa está prevista quase a totalidade dos recursos do Instituto, verbas significativas para governadores e prefeitos em vésperas de eleições.

Sarney Filho, o próximo governador do Maranhão?

O presidente Sarney está tentando fazer do deputado Sarney Filho o próximo governador do Maranhão. Para alcançar esse seu objetivo, Sarney estaria até disposto a abrir mão de um ano de mandato — caso vença a tese dos seis anos — se garantir previamente a vitória do filho. Era o que comentava um deputado próximo a Sarney — um parlamentarista que votou pelos cinco anos de mandato para os futuros presidentes mas está convencido de que Sarney só não ficará seis no governo se não quiser.

O constituinte está convencido também de que são quase nulas as chances de os defensores do mandato de quatro anos para Sarney conseguirem 280 votos para a aprovação de qualquer emenda neste sentido. Sem isso, o texto do Centrão passará — e ele não menciona nem questiona o mandato de Sarney. Segundo o deputado, Sarney estaria pensando os prós e contras para eleger seu filho no Maranhão. Dessa análise resultará sua opção pelos cinco ou seis anos de mandato.

Ainda de acordo com o entendimento do deputado, ficar na Presidência da República até o ano que vem é fator fundamental para o presidente Sarney consolidar suas bases políticas e, conseqüentemente, poder fazer de seu filho o futuro governador do Maranhão. Este é o tempo necessário para o presidente conseguir seu objetivo, porque neste ano ele poderá firmar as bases municipais, deixando para uma fase posterior a negociação direta pela disputa para o governo do Maranhão.



Corrupção?

Sarney diz que está acabando com ela.

Em seu Conversa ao Pé do Rádio de ontem (1º de abril), o presidente Sarney disse que nenhum governo teve tanta preocupação quanto o seu em combater a corrupção — nem tanto sucesso.

Segundo Sarney, seu governo "acabou com a matriz dos escândalos financeiros ao aplicar a correção monetária aos passivos". Ele também garantiu que nenhuma denúncia de irregularidade chega ao seu conhecimento sem que seja "sindicada, apurada e punida". Para exemplificar como "o governo continua cumprindo com o seu dever, com austeridade", Sarney ocupou grande parte do programa citando casos de corrupção que vieram à tona em seu governo, passando pela Seplan, Banco da Amazônia e CPF até a Centraisul e a Cosipa. Citou também as intervenções decretadas em bancos privados e estaduais, e falou que 762 pessoas foram demitidas "a bem do serviço público". Mas garantiu: "Não estamos fazendo nada de mais. É nosso dever".



Ulysses

responde a Brossard: atual Carta é autoritária.

"A atual Constituição é autoritária, por isso é que estamos fazendo uma nova. E é ela que vai fixar a duração do mandato do presidente, que poderá ser de cinco ou quatro anos."

Com essa declaração, o deputado Ulysses Guimarães contestou anteriormente, em São Paulo, a tese defendida pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard, de que o período do atual presidente deve obedecer à Constituição, ou seja, seis anos.

Ulysses reafirmou que é contra a prorrogação dos mandatos dos prefeitos e vereadores e garantiu que vai promover articulações para que isso não aconteça. "É usurpar uma atribuição do povo, um resquício e uma seqüela da ditadura."

Para Ulysses, eleições devem ser valorizadas para a própria manutenção da democracia: "Não sei porque temos medo de eleição, ela é fundamental para a democracia".